



Indústria prevê que hiperinflação virá em setembro

ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal

São Paulo — O Governo está perdendo o controle do processo inflacionário e o País pode acabar às portas de uma hiperinflação até o final da entressafra agrícola, entre setembro e outubro, segundo previsões da indústria paulista. O agravamento do processo inflacionário já está provocando repercussões: a direção da Fiesp decidiu convocar uma reunião especial amanhã à tarde para avaliação de um estudo do departamento de economia da entidade, sobre inflação e a produção industrial. Ao mesmo tempo, o fórum informal de empresários (que reúne representantes da indústria, comércio, bancos, mercado financeiro, transportes e agricultura) faz sua reunião mensal com dois assuntos na pauta: a elevação da inflação, que pode ultrapassar os 22 por cento mensais, e a necessidade cada vez maior de um pacto social.

"A coisa está ficando preocupante. Acho que pode ficar preta mesmo se não tomamos medidas logo", afirmou o presidente da Fiesp, Mário Amato, aos 115 presidentes de sindicatos patronais da indústria, durante reunião da entidade para uma avaliação do setor. Amato lembrou a necessidade quase "heróica" de se lutar pela manutenção do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, que está aplicando um programa ortodoxo de ajuste econômico, admitindo até a transformação de ministro num ditador. "Precisamos de uma ditadura econômica, ou seja, que o ministro seja forte o suficiente para colocar em prática sua política de contenção do déficit, o principal alimentador da inflação", disse.

As queixas do setor industrial são mais fortes do lado dos empresários que atuam no mercado interno, mas dependem de insumos e matérias-primas importadas. As commodities agrícolas e industriais estão sendo reajustadas acima da inflação, pressionando os custos de produ-

ção que não conseguem ser repassados para o preço final do produto ao consumidor. As reclamações de parte do setor exportador também se avolumam especialmente quanto à defasagem cambial. No setor de máquinas e equipamentos, estima-se que a defasagem alcançará valores acima de 30 por cento, mas um estudo preliminar da Fiesp reconhece uma perda de, no máximo, 14,5 por cento, dependendo do produto.

O risco de hiperinflação, entretanto, não é consenso no setor industrial. Alguns empresários que não se deixam levar pelo tom pessimista das notícias, afirmam que mesmo para os preços das commodities existe um limite a ser alcançado em breve. E depois desse patamar, não haverá compradores, podendo fazer a taxa de inflação estabilizar-se. Ao mesmo tempo, a recessão do setor industrial deve permanecer ao longo de todo o segundo semestre, não existindo pressões para empurrar para cima a inflação.

SOBREVIVENCIA

Mas o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abram Szajman, com base em um estudo que aponta queda real de faturamento do setor em 6 por cento somente no primeiro semestre, manifestada de forma especial na área supermercadista, acredita que estamos mesmo diante de uma ameaça de hiperinflação. "A nossa meta agora não é mais evitar que a inflação aumente, mas evitar a hiperinflação. Temos que buscar formas de atuar na corrosão do poder aquisitivo e ajustar o ritmo de produção", disse. Para ele, no momento o que está em risco é a própria sobrevivência da economia brasileira. "É uma hiperinflação teria efeito devastador sobre o sistema econômico, desorganizando todo o sistema produtivo e levando ao caos social e político", acrescentou. Segundo Szajman, o foco primário da inflação é o setor público, mas o Governo só aceita a contenção dos gastos até um certo ponto.